

OS MÉTODOS DA ANTROPOLOGIA

META

Apresentar os principais métodos da antropologia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

compreender os principais métodos da antropologia e deverá ser capaz de aplicar esses métodos na prática da pesquisa antropológica.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecer os princípios básicos da antropologia e os seus limites epistemológicos na aplicação dessa ciência.



(Fonte: <http://www.unicamp.br>).

INTRODUÇÃO

Iniciarei, a partir desta aula, os estudos sobre os aspectos mais práticos da antropologia, ou seja, os seus métodos e, na seqüência, os princípios básicos das suas principais escolas de pensamento. Conhecendo os métodos da ciência o estudante, transformado em pesquisador, se habilita a colocar em prática todo o conhecimento acumulado acerca da antropologia. Os métodos se apresentam, portanto, como uma grande porta que permite o acesso ao desenvolvimento da pesquisa. Essa afirmação se aplica a antropologia ou a qualquer outra ciência. Habilite-se, portanto, a ser um pesquisador dos fenômenos culturais, estude com bastante atenção esta aula e seja um antropologista, mesmo que na qualidade de “pesquisador amador”.



(Fonte: <http://www.observacaoparticipativa.blogspot.com>).

MÉTODOS

A antropologia tem como objeto de estudo o homem e o seu fazer cultural. Esta é uma definição simples, mas que serve aos propósitos desta aula. Serve aos objetivos construídos na medida em que coloca o homem nos dois lados da questão: na qualidade de pesquisador; bem como na de objeto de pesquisa. A aula anterior demonstrou que essa relação foi e tem sido um complicador, tendo em vista que o homem não pode simplesmente ausentar-se de si para se auto-pesquisar. Tornando, dessa forma, o conhecimento científico produzido pela antropologia diferente dos outros conhecimentos trabalhados pelas ciências da natureza. Mas, ainda assim, os antropologistas do passado e do presente primaram pela busca incessante de métodos e de técnicas que lhes permitissem produzir conhecimentos acerca do homem, que estivessem o mais próximo possível da neutralidade. Os dois métodos iniciadores da pesquisa antropológica, ambos desenvolvidos ainda no século XIX, foram o método comparativo puramente histórico, desenvolvido pelos evolucionistas; e o método comparativo desenvolvido por um dos pais da antropologia – Franz Boas, antropólogo alemão, que viveu entre 1858 e 1942 –, que levava em consideração a necessidade de se conhecer os fenômenos culturais, compará-los e desvendar os processos de construção de cada um dos fenômenos analisados.

O método comparativo desenvolvido e utilizado pelos evolucionistas priorizou o registro de costumes e de crenças, todos tratados como curiosos e colocados em estágios de uma presumível linha histórica de evolução. Em termos mais práticos, veja como funcionava o método dos evolucionistas: o pesquisador, normalmente sem sair do seu gabinete, catalogava os registros produzidos por viajantes, militares, administradores e outros personagens, que se deslocavam das metrópoles européias para as regiões colonizadas (África, Ásia, América e Oceania) e, a partir de uma história linear previamente produzida, na qual o **ápice** era a própria Europa, esses costumes eram colocados. Isto é, tentando ser mais prático ainda, o pesquisador tinha no seu gabinete, sobre a sua mesa, a história do homem, desde os mais primitivos até os mais desenvolvidos. O mais desenvolvido era o próprio europeu e o mais atrasado era o homem australiano (Oceania).

Dessa forma, os costumes e crenças eram colocados nessa história linear em conformidade com as suas características. Vejam alguns exemplos para melhorar a compreensão: no caso específico do estudo sobre a organização familiar do homem, sempre o pensando do mais atrasado ao mais desenvolvido, todas as informações que dissessem respeito a uma presumível família comunista ou promíscua, ou seja, organização familiar na qual a mulher se relacionaria sexualmente com todos ou com parte dos homens da sua geração, seriam catalogadas como do primeiro e mais primitivo estágio do desenvolvimento humano – a selvageria.

Ápice

O ponto mais elevado.

Outro exemplo importante, ainda com o mesmo propósito de melhorar a compreensão, se refere aos costumes familiares registrados, em que a organização familiar era desenvolvida a partir de um homem e a possibilidade da convivência com mais de uma mulher. Nesse caso, a organização familiar era denominada de patriarcal e o estágio de desenvolvimento era superior ao anterior.

Fica evidente, espero que para você também seja assim, que a tarefa contida no método comparativo dos evolucionistas se fundamentava na coleta de costumes e de crenças, no registro e na catalogação, preocupados exclusivamente em comparar esses fenômenos e identificar as semelhanças, para relacioná-los aos estágios previamente construídos: selvageria, barbárie e civilização. Nesse sentido, afirma Franz Boas que “(...) identidades ou similaridades culturais eram consideradas provas incontroversas de conexão histórica ou mesmo de origem comum (...)” (CASTRO, 2004, p. 26).

Na etapa seguinte da antropologia, final do século XIX, Franz Boas, já erradicado nos Estados Unidos, desenvolveu, de forma muito contundente, críticas ao método dos evolucionistas, entendendo que não bastava apenas o registro, a catalogação e a comparação com base nas possíveis similitudes, era preciso muito mais para uma melhor compreensão do fenômeno cultural. Afirmava o pesquisador alemão que o trabalho antropológico precisava ir além desses registros. Precisava identificar as origens do fenômeno e como eles foram construídos e consolidados nas várias culturas do ambiente humano.

Outro aspecto destacado por Franz Boas e fundamental no desenvolvimento da pesquisa antropológica, e que é de fácil constatação, é que os fenômenos culturais, apesar de aparentemente iguais, concretamente eles se apresentam bastantes diferentes um do outro. Na prática a proposta do



método comparativo em Franz Boas funcionava da seguinte maneira: listados os fenômenos a serem estudados, o pesquisador, após a identificação das possíveis causas, analisaria as variantes externas e internas nos seus respectivos processos de construção. Isto é, trabalharia o fenômeno cultural na perspectiva dos seus contextos históricos, comparando-os com fenômenos de outros contextos, sempre com o objetivo de descobrir e analisar os caminhos percorridos nos processos de construção.

Os métodos de pesquisas, quaisquer métodos, dependem fundamentalmente das técnicas. Na antropologia isso não é diferente. Os primeiros antropólogos, os evolucionistas, usaram como técnica principal na coleta dos seus dados os viajantes, de todos os tipos, que coletavam durante as suas

viagens aos novos mundos ou aos mundos menos conhecidos, informações sobre os costumes e crenças dos povos habitantes dessas regiões. Esses

(Fonte: <http://www.globalphatness.com>).

dados eram depois analisados no conforto dos gabinetes desses pesquisadores. Não há como negar a importância desses pesquisadores e dos trabalhos que foram produzidos. A obra de Sir James George Frazer, “O ramo de ouro”, construída a partir do método e das técnicas desenvolvidos pelos evolucionistas, é uma das obras mais importantes e instigantes da antropologia. Nela os temas mais importantes da antropologia foram analisados (mitos, lendas, magia e religião), sem que o seu autor tenha feito qualquer pesquisa de campo.

Já a pesquisa desenvolvida por Franz Boas e seus seguidores primou pelo uso da pesquisa de campo. Esses pesquisadores foram pioneiros, desenvolvendo a técnica da observação participante, na qual o antropólogo convive com o grupo social, objeto da pesquisa. O contato pessoal do pesquisador com o objeto permite, com total segurança, um relato detalhado dos fenômenos culturais observados e dos atores envolvidos, evidenciando aspectos que ficariam escondidos aos olhos de observadores pouco treinados.

Para concluir essa aula cito dois exemplos apresentados por James Clifford, na sua obra “A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX”, organizada por José Reginaldo Santos Gonçalves, que retratam muito bem os dois momentos da antropologia tratados nesta aula e que eu os apresento para que você possa melhor refletir sobre o tema:



(Fonte: <http://www.theage.com>).

PRIMEIRO EXEMPLO

“O frontispício de 1724 do livro *Moeurs des sauvages américains*, do Padre Lafitau, retrata o etnógrafo como uma jovem mulher sentada numa escrivaninha em meio a objetos do Novo Mundo, da Grécia Clássica e do Egito. Ela está acompanhada por dois querubins – que ajudam na tarefa de comparação – e pela barbuda personagem do Tempo, que aponta para uma cena que representa a fonte primordial da verdade brotando da pena do escritor. A imagem para a qual a jovem mulher dirige seu olhar é a de um conjunto de nuvens onde estão Adão, Eva e a serpente. Acima deles está o homem e a mulher redimidos do Apocalipse, de cada lado de um triângulo que irradia luz e ostenta a inscrição Yahweh, em alfabeto hebraico.” (CLIFFORD, 2002, p. 17).

SEGUNDO EXEMPLO

“Já em *Os argonautas do Pacífico Ocidental* o frontispício é uma fotografia com o título ‘Um ato cerimonial do kula’. Um colar de conchas está sendo oferecido a um chefe trobriandês, que está de pé na porta de sua casa. Atrás do homem que presenteia o colar, está uma fileira de seis jovens, curvados em reverência, um dos quais sopra uma concha. Todas as personagens estão de perfil, com a atenção aparentemente concentrada no rito da troca, um evento importante na vida melanésia. Mas a um olhar mais atento parece que um dos trobriandeses que se curvam está olhando para a câmera.” (CLIFFORD, 2002, p. 17-18).

ATIVIDADES



Foram apresentados nesta aula dois exemplos ilustradores dos dois principais métodos utilizados pelos primeiros antropólogos, extraídos do livro “*A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*”, de autoria de James Clifford.

CONCLUSÃO

É possível perceber na narrativa desta aula alguns pontos importantes: primeiro, a existência de dois métodos no âmbito da antropologia, ambos utilizando a comparação; segundo, que o primeiro método, desenvolvido pelos evolucionistas, tinha características completamente distintas. Enquanto este fundamentava a pesquisa através da história, o método comparativo desenvolvido e/ou consolidado por Franz Boas utilizava a história, mas priorizava a comparação com vistas à identificação das diferenças entre os fenômenos e os diversos contextos; terceiro, enquanto o primeiro priorizava a identificação das semelhanças, com o objetivo da confirmação de uma história linear, onde os povos passavam **inexoravelmente** pelas etapas da selvageria, barbárie e civilização; o segundo método estava preocupado com a identificação das diferenças, objetivando conhecer os meandros dos processos de construção dos fenômenos culturais.

Inexoravelmente

Que não se move a rogos; não exorável; implacável, inabalável.

RESUMO

A antropologia construiu as suas bases teóricas e metodológicas a partir do século XIX. Nesta aula vocês perceberam que, além da teoria, é preciso que o conhecimento, para ser científico, se cerque de técnicas para o desenvolvimento da pesquisa. Aqui foram apresentados os dois métodos iniciadores do trabalho antropológico: o método comparativo utilizado pelos evolucionistas, que primava pelo uso da história e da busca incessante pelas semelhanças, objetivando o registro e a confirmação da trajetória evolucionista do homem, através dos estágios de selvageria, barbárie e civilização. E o método comparativo utilizado pelos seguidores de Franz Boas, que primava pela pesquisa de campo, pelo uso da comparação e a preocupação em estudar cada grupo a partir das suas próprias características.



AUTOAVALIAÇÃO

A leitura das aulas de antropologia continua instigante, onde a cada passo tenho a oportunidade de conhecer novas facetas dessa ciência. Contudo, preciso ler mais da aula e, sobretudo, consultar as obras complementares listadas, para ampliar o conhecimento sobre os métodos. Lerei, principalmente, o livro “Franz Boas: Antropologia Cultural”, que por certo melhorará o meu desempenho.



REFERÊNCIAS

- CASTRO, Celso. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2004.
- CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica**: Antropologia e Literatura no século XX/James Clifford; organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.